



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

PROFESSORA MARIA RUTH DE SOUSA: TRAJETÓRIA DE UMA DOCENTE EM TEMPOS DE DITADURA (1970-1985)

MARIA SOUSA RUTH: JOURNEY OF A TEACHER IN TIMES OF DICTATORSHIP (1970-1985)

RESUMO: A reconstrução de trajetórias docentes nos anos de 1970 a 1985, durante a ditadura civil-militar, configura-se como importante investigação para a escrita da história da educação e da docência. Vale ressaltar, que nesse momento histórico, processos de formação profissionais e práticas pedagógicas foram construídos e desconstruídos, configurando-se a educação de maneira funcional e autoritária, controlada e controladora. Assim, as experiências educacionais desenvolvidas no período estavam fundamentadas no tecnicismo pedagógico, que tinha como princípios a racionalidade, a eficiência e a produtividade, com a intenção do máximo resultado com o mínimo dispêndio. A não duplicação de meios para fins idênticos passam a ser incorporados na legislação educacional, desenhando-se uma orientação produtivista da educação com força legislativa. (SAVIANI, 2008). Nesse contexto, houve modificações no perfil docente, colocando-se desafios para o exercício professoral, tanto no plano teórico como no plano prático: na metodologia, na utilização de recursos, etc., contribuindo para o surgimento de novas formas de ensinar e de aprender, como também novas configurações de identidades docentes. O artigo tem como objetivo compreender a profissão docente a partir da história de

vida da professora Maria Ruth de Sousa, tomando como referência o período de 1970 a 1985, no qual a professora atuou em sala de aula e desenvolveu sua prática pedagógica. O trabalho utiliza-se da abordagem biográfica, que coloca em conexão a vida pessoal e a vida profissional, a vida e a história, fazendo “reaparecer os sujeitos face às estruturas e aos sistemas, a qualidade face à quantidade, a vivência face ao instituído” (NÓVOA, 1995, p. 18). Na construção do trabalho, foram utilizadas fontes escritas (documentais, bibliográficos) e iconográficas, encontradas em instituições públicas e no acervo pessoal da professora. São notáveis as contribuições das histórias de vida para a reflexão sobre a prática e a profissão docente, para a compreensão da profissão em determinada conjuntura histórica.

Palavras-chaves: Trajetória docente; Maria Ruth de Sousa; Anos autoritários.

ABSTRACT: The reconstruction of teaching trajectories from 1970 to 1985, during the civil-military dictatorship, constitutes an important research for the writing of the history of education and teaching. It is noteworthy that in this historical moment, professional training processes and pedagogical practices were constructed and deconstructed, and education was configured in a functional and authoritarian,



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

controlled and controlling manner. Thus, the educational experiences developed in the period were based on pedagogical technicism, whose principles were rationality, efficiency and productivity, with the intention of maximum results with minimum expenditure. The non-duplication of means for the same ends are now incorporated into educational legislation, with a productivist orientation of education being enacted with legislative force. (SAVIANI, 2008). In this context, there were changes in the teaching profile, posing challenges for teachers, both theoretically and practically: in methodology, in the use of resources, etc., contributing to the emergence of new ways of teaching and learning, As well as new configurations of teaching identities. The article aims to understand the teaching profession from the life history of the teacher Maria Ruth de

Sousa, taking as reference the period from 1970 to 1985, in which the teacher acted in the classroom and developed her pedagogical practice. The work uses the biographical approach, which puts in connection with personal life and professional life, life and history, making "subjects reappear in relation to structures and systems, quality versus quantity, living with the instituted "(NÓVOA, 1995, p.18). In the construction of the work, written (documentary, bibliographical) and iconographic sources were used, found in public institutions and in the personal collection of the teacher. The contributions of life histories to the reflection on the practice and the teaching profession are remarkable, for the understanding of the profession in certain historical conjuncture.

Keywords: Teacher trajectory; Maria Ruth de Sousa; Authoritarian years.

Introdução

A reconstituição de trajetórias docentes, nos anos autoritários da ditadura civil-militar, configura-se como importante investigação para a escrita da história da docência¹. Vale ressaltar que neste período histórico, processos de formação profissionais e práticas pedagógicas foram desconstruídos. A educação foi considerada na perspectiva educacional funcional, planejada, autoritária, controlada e controladora. Princípios como racionalidade, eficiência e produtividade, com os corolários do “máximo

¹Artigo referente ao Projeto de Iniciação Científica PIBIC/UFPB 2015/2016: *PROFESSORA MARIA RUTH DE SOUSA: UMA TRAJETÓRIA DOCENTE EM TEMPOS DE DITADURA (1970-1985)*.



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

resultado com o mínimo dispêndio” e “na duplicação de meios para fins idênticos” passam a ser incorporados pela legislação educacional do período, configurando-se uma inclinação produtivista da educação com força legislativa (SAVIANI, 2008, p. 297).

Nesse contexto, o perfil profissional docente modifica-se, sendo colocados desafios para o exercício professoral, tanto no plano teórico como no prático, contribuindo para o surgimento de novas identidades docentes viabilizadas pelo discurso educacional e por um conjunto de ideias e representações da docência. Para compreender a história da docência em tempos autoritários, fez-se necessário refletir acerca das possibilidades que investigações sobre trajetórias de vida de agentes educativos nos trazem do passado educacional, na contingência de entender as contribuições da história de vida da personagem estudada para o conhecimento histórico da profissão. Nesse sentido, abriram-se possibilidades para pensar as relações entre o sujeito e a sociedade, o sujeito e o tempo, evidenciando o caráter de uma vida ao mesmo tempo privada e social.

Nessa perspectiva, a escritura preocupou-se com a profissão a partir de trajetórias de vida e de recortes biográficos, procurando desenvolver uma reflexão sobre a vida do professor, seus anseios, suas lutas pela sobrevivência e pelo exercício da docência. As histórias de vida professoral revelam questões que permeiam a profissão em determinado momento e contexto histórico, possibilitando a compreensão das dificuldades, condições, jeito de ser e agir docentes. A história pessoal de uma professora, representada pela biografia, contribui para compreensão da profissão docente, fornecendo pistas para a problemática da profissão atualmente. Pois, a forma como “os indivíduos biografam suas experiências e a maneira como integram em suas construções biográficas o que fazem e o que são na família, na escola, na sua profissão e na formação continuada são parte integrante do processo de aprendizagem e de formação”. (DELORY-MOMBERGER, 2008, apud CARVALHO, 2015, p. 5).

Na realização do propósito de compreensão da profissão docente, tomando o período de 1970 a 1985, como contexto histórico de referência, refletiu-se sobre a



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

prática docente, os papéis e funções ocupados pela professora Maria Ruth de Sousa. Também foram estudadas as práticas culturais desenvolvidas em sua existência, colocando em discussão fatores que contribuíram para a transformação, renovação e desvalorização da profissão professor atualmente.

Caminhos de uma biografização

O trabalho adotou o enfoque qualitativo, utilizando-se da abordagem biográfica, que permitiu uma aproximação com a realidade, revelando a vivência pessoal e profissional da investigada em conexão com seu contexto sócio histórico.

Há muitos fatores que influenciam o modo de pensar, de sentir e de atuar dos professores, ao longo do processo de ensino: o que são como pessoas, os seus diferentes contextos biológicos e experienciais, isto é, as suas histórias de vida e os contextos sociais em que crescem, aprendem e ensinam (HOLLY, 1995, p. 82).

Refletindo sobre a citação, percebeu-se que não é apenas uma parte de nós que se torna professor, mas sim a totalidade do eu, as diversas dimensões que englobam a personalidade do sujeito e os contextos sociais em que está envolvido, pois é preciso haver um equilíbrio entre o pessoal e o profissional, em razão de que as duas dimensões coincidem, misturam-se e afetam-se mutuamente, visto que estando bem na dimensão pessoal a dimensão profissional também vai bem, sempre se deparando com o sentimento e a razão.

A trajetória metodológica desenvolvida foi marcada pelos procedimentos da pesquisa bibliográfica e documental, considerando fontes escritas e iconográficas, que serviram de embasamento teórico-metodológico para a compreensão da profissão docente, como a identificação das conexões entre o presente e o passado da profissão, tomando como ponto de partida o método biográfico. Esse método possibilitou tecer



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

reflexões sobre o exercício e a imagem da docência, recolocando os professores no centro das discussões e das problemáticas da profissão, fazendo reaparecer os sujeitos frente às estruturas e aos sistemas, a qualidade frente à quantidade, a vida frente ao direito conquistado pelo sujeito. (NÓVOA, 1995).

O levantamento das fontes escrita e iconográfica da professora Maria Ruth de Sousa possibilitou o contato com as mesmas, além da compreensão de sua trajetória de vida e de seu percurso docente, possibilitando conhecer as práticas educativas e os saberes sobre a profissão professor no cenário histórico retratado na pesquisa, no caso, a ditadura civil-militar. Também, foram utilizados alguns materiais e equipamentos que possibilitaram a coleta de dados para o estudo.

Nesse sentido, realizaram-se visitas a arquivos públicos e a instituições educacionais em busca de vestígios da vida profissional de Maria Ruth de Sousa. Nesses locais, foram encontrados documentos referentes às nomeações a cargo público, fotos da professora e das instituições em que atuou e que prestaram homenagem a docente, além de materiais referentes à sua história de vida. Assim, através dessas fontes, foi possível encontrar pistas sobre familiares e ex-alunos que pudessem ceder informações e documentos a respeito da trajetória da educadora. Refletindo sobre a memória como fonte, Carvalho; Carvalho e Leal observam:

[...] fonte pela qual podemos obter um conjunto de lembranças de um determinado acontecimento histórico, que se colocam como possibilidades de outras versões desse mesmo acontecimento, sempre em processo de ressignificação [...]. (2016, p. 98).

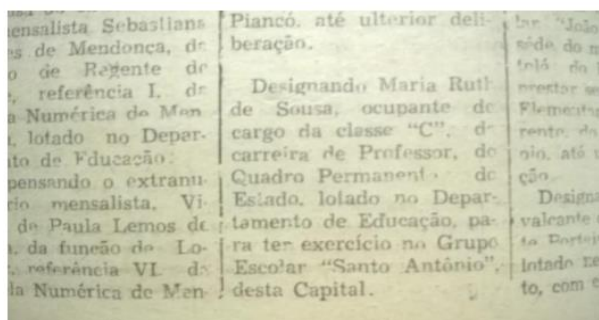
A partir dos vestígios encontrados, foi possível compreender um conjunto de lembranças da história de vida da professora Maria Ruth de Sousa, considerando as fontes como processos de ressignificação, conservação e transformação. Assim, as fontes contribuíram para o entendimento das questões que permeiam o exercício professoral, colaborando para a realização de conexões entre a vida pessoal e a vida profissional, os ideais e as práticas pedagógicas efetivadas no período ditatorial.



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

Nessa perspectiva, buscou-se a Secretaria de Educação e Cultura do município de João Pessoa (SEDEC) e o Arquivo da Secretaria de Educação do Estado da Paraíba (SEEPB), entretanto, nessas instituições, não foi encontrada documentação referente à vida profissional da docente. Continuando a pesquisa, visitou-se o Arquivo Histórico da Paraíba e a Fundação Casa José Américo de Almeida, onde foram pesquisados os diários oficiais do Estado das décadas de 60, 70 e 80, do século XX. No Diário Oficial de 1960, encontrou-se sua nomeação para o cargo de professora, publicada no diário de 21 de julho de 1960.

Figura 1 – Nomeação da Profa. Maria Ruth de Sousa (Diário Oficial do Estado da Paraíba, de 21 de julho de 1960)



Fonte: Arquivo do Projeto PIBIC 2015-2016

Diante do dado encontrado, podemos perceber que a professora Maria Ruth era docente do quadro permanente do Departamento de Educação do Estado, ocupando a classe C da carreira de professor. Após visitação aos arquivos públicos, a primeira instituição escolar pesquisada foi a Escola Municipal de Ensino Fundamental General Rodrigo Otávio². Nessa escola, obtivemos algumas informações sobre as funções que a docente exerceu na instituição, funções essas como: professora da disciplina de educação artística e supervisora escolar, ressaltando que essa foi a última escola em que a docente atuou como educadora, antes do seu falecimento, no ano de 1994.

²Localizada na Av. Mato Grosso, no Bairro dos Estados. A escola situa-se nas dependências do Primeiro Grupamento de Engenharia e talvez por esta razão tenha recebido o nome de um general.



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

A segunda instituição visitada foi a Escola Sesquicentenário³, onde Maria Ruth atuou como docente na disciplina de educação artística. Porém, não obtivemos nenhuma informação a respeito da docente, alegando o diretor adjunto da Escola, sobre essa ausência de documentos, que todo o acervo da instituição se encontrava no Arquivo do Estado da Paraíba.

Houve visitação nas instituições que prestaram homenagem à docente, tais como: Centro de Referência em Educação Infantil Maria Ruth de Sousa⁴ e a Escola Municipal de Ensino Fundamental Economista Celso Monteiro Furtado⁵.

Figura 2 – Fachada do CREI Maria Ruth de Sousa



Fonte: Arquivo do Projeto PIBIC 2015-2016

Nessas instituições, colheu-se informações sobre a história de vida de Maria Ruth de Sousa, compreendendo em que circunstâncias as instituições foram nomeadas e homenagearam a docente. Vale ressaltar, que existia uma escola localizada na comunidade da CITEX⁶ com o nome Escola Municipal Maria Ruth de Sousa. Então, em 2009, foi construído um novo prédio e nomeado Escola Municipal Economista Celso M.

³Localizada na Rua Manoel França, no Bairro dos Estados.

⁴Localizada na Rua Carteiro Antônio Dias Pacheco, número 19, no bairro João Paulo II.

⁵Nome posterior da Escola Maria Ruth de Sousa.

⁶Localizada no bairro João Paulo II.



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

Furtado. Assim, no ano seguinte, surge a CREI (Fig. 2) em homenagem à docente, pois a comunidade reivindicava o não esquecimento da memória de Maria Ruth.

Percebe-se que as histórias dessas instituições cruzam-se entre si, porém, a Escola Municipal Economista Celso Monteiro Furtado (anteriormente, Maria Ruth de Sousa) não esqueceu sua origem, pois nomeou a biblioteca (Fig. 3) com o nome da professora, uma tentativa de relembrar a história da docente que se destacou na história da educação paraibana.

Figura 3 – Biblioteca Maria Ruth de Sousa, na EMEF Economista Celso M. Furtado



Fonte: Arquivo do Projeto PIBIC 2015/2016

Após ter colhido informações nas escolas em que a Professora Ruth de Sousa foi homenageada, buscamos os familiares da professora com o propósito de encontrar documentos que nos ajudassem a compreender sua trajetória docente. Porém, o único contato obtido foi da filha de Maria Ruth de Sousa, a enfermeira e atual corretora de imóveis, Cristiane de Sousa, que nos informou um pouco do convívio com sua mãe, falou sobre a profissional que Maria Ruth foi, informando aspectos da intimidade familiar, enfim, da vida pessoal e profissional de sua mãe. Para entendermos a vida de Maria Ruth



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

de Sousa, foi importante retomar a origem do seu processo formativo enquanto pessoa e profissional, pois segundo Nóvoa (2007), o professor é uma pessoa, dessa forma, é impossível separar o eu pessoal do eu profissional.

Maria Ruth de Sousa: profissão professor e seu processo de biografização

Em todas as sociedades, as modificações que se processam em seu cenário influenciam a vida pessoal e profissional dos professores, criando-se desafios ao exercício da profissão, pela própria indefinição dos papéis que são chamados a desempenhar. Nóvoa (2007, apud CARVALHO, 2015, p. 4 e 13) aponta alguns fatores que fragilizam a profissão professor nesse contexto, como é o caso do “excesso das missões da escola, o excesso de pedidos que a sociedade lhe faz e, ao mesmo tempo, uma cada vez maior fragilidade do estatuto docente”; a “retórica do professor reflexivo e, ao mesmo tempo, a inexistência de condições de trabalho concretas [...] e desenvolvimento profissional [...]”. “Os professores têm perdido prestígio, a profissão docente é mais frágil do que era há alguns anos”. Foi refletindo sobre esse desgaste na profissão docente, que se optou pelo estudo de histórias de vida professorais, na tentativa de compreender a profissão professor, sua história, representações, em um período histórico brasileiro que contribuiu para o desgaste da docência. Visto que o indivíduo representa sua história, expressa sua existência em narrativas, na relação consigo mesmo e com a coletividade, em diários, memórias, discursos, correspondências, currículos, autobiografias, figurando acontecimentos, ideias, relações, sentimentos, em um processo de biografização que vai além do processo “sócio-históricamente inscrito, formal e estruturalmente determinado”, realizando-se também como “processo de socialização e construção da realidade social” (DELORY-MOMBERGER, 2008, apud CARVALHO, 2015, p.5).



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

Neste sentido, a história pessoal de uma professora, representada pela biografia, contribui para compreensão da profissão docente em uma conjuntura histórica específica, fornecendo pistas para a problemática da profissão atualmente.

Enquanto conjunto de representações que o indivíduo constrói da própria vida e de sua história, a biografia tornou-se um componente e um horizonte do campo educativo. A maneira como os indivíduos biografam suas experiências e, em primeiro lugar, a maneira como integram em suas construções biográficas o que fazem e o que são na família, na escola, na sua profissão e na formação continuada são parte integrante do processo de aprendizagem e de formação. (DELORY-MOMBERGER, 2008, p.30)

A professora Maria Ruth de Sousa deixou na biografização de sua existência indícios e pistas investigativas sobre o fazer docente na segunda metade do século XX. As configurações da sociedade em que viveu estão presentes em seu trabalho professoral. É como se ela se auto figurasse ou se auto revelasse nos fazeres do seu cotidiano. Seu autorretrato está configurado em documentos, imagens, diários, cadernos, livros de matrícula, cartas que revelam práticas sociais e educativas de um tempo histórico em transição. O estudo de suas representações revela os projetos de vida de uma mulher para estudar, assumir a profissão docente, agir e interagir no mundo do trabalho e na sociedade do conhecimento, lutando para ser dona de seu próprio destino, desafiando o cenário histórico em que desenvolveu a docência.

Nesse sentido, a partir das fontes encontradas, traçamos o percurso formativo da Professora Maria Ruth de Sousa, que nasceu em 22 de janeiro de 1930, na cidade de Misericórdia – hoje Itaporanga –, período em que o país passava por momentos de radicalização política, época de efervescência ideológica e substancialmente rica na diversidade de projetos políticos distintos para a sociedade brasileira, pois estavam em disputas quatro projetos que objetivavam construir um Brasil Novo. Esses projetos eram representados pelos liberais – defensores de uma nova pedagogia inspirada nas ideias escolanovistas de John Dewey –; católicos – defensores da pedagogia tradicional –;



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

integralistas – entidade que surgiu nos anos 30 –; e os aliancistas – entidade constituída por uma boa parte das classes populares. Nesse contexto político, o governo era central na disputa, pois se colocou de forma neutra.

A república velha se caracterizou por uma paulatina modernização do país às custas da reorganização capitalista da cafeicultura. Indústria, crescimento urbano, melhoria de transportes, prolaterização etc. apareceram subjugados à política do café-com-leite, pela qual os fazendeiros de café de São Paulo se alternavam com os mineiros no comando do país, dirigindo os interesses da importação e exportação do café como se fossem os exclusivos interesses da Nação. (GHIRALDELLI, 1994, p. 40)

Em concordância com o autor, a Primeira República, antes da Revolução de 1930, era conhecida também como República das oligarquias⁷. Reportando para o interior da Paraíba, mais precisamente na cidade de Misericórdia⁸, onde o coronelismo era forte, mesmo com a revolução de 1930, que inverteu a situação do Brasil, aos poucos essas oligarquias foram cedendo lugar aos grupos coligados de tecnocratas, militares e latifundiários industriais, contribuindo para a ascensão de Vargas ao poder, que assumiu, inicialmente, o governo de forma provisória, para em 1937, instituir o Estado Novo.

Foi nesse cenário que Maria Ruth de Sousa iniciou os estudos no curso primário no Grupo Escolar Dom Vital⁹. Segundo Saviani (2004), os grupos escolares constituíam um fenômeno tipicamente urbano, já que no meio rural ainda predominaram as escolas isoladas por muito tempo.

Nos anos 1930, [...] a instrução era oferecida nos Grupos Escolares, Escolas Reunidas, Escolas Isoladas, Escolas Operárias e Escolas

⁷A Primeira República foi ainda denominada de República da Espada e República dos Coroneis.

⁸Atual Itaporanga no alto sertão do estado da Paraíba.

⁹A referida escola foi a primeira instituição escolar pública da cidade, inaugurada em 1937 pelo decreto 195 do dia 10 de abril. O grupo escolar era administrado pelos frades da ordem dos capuchinhos, pertencentes à arquidiocese de Olinda e teve como sua primeira diretora a Professora Dona Doralice Pedrosa.



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

Subvencionadas. [...] Grupos Escolares ofertavam o Curso Primário completo, ou seja, composto por Curso Infantil, curso Elementar e Curso Complementar. (COSTA, 2015, p. 68-69)

Surgidos no âmbito da Primeira República, os grupos escolares representavam o esplendor e a grandeza da república em processo de construção. Sua arquitetura majestosa demonstra esse desejo de Brasil grande. Nesse momento, coexistiam várias instituições escolares, configurando-se os grupos escolares como instituições destinadas à instrução das primeiras letras e práticas de leitura, tornando-se eficiente para a seleção e formação da elite urbana. Por essa razão, possuíam notória importância para a educação brasileira no período da Primeira e Segunda República, influenciando comportamentos e valores. Para Escolano (1998, apud ESQUISIANI WERLE, 2010, p. 106), os espaços escolares são lugares dotados de significados que transmitem estímulos, valores e conteúdos diversos chamados de currículo oculto, em contrapartida, impõem suas leis como organizações disciplinadoras. Portanto, essas instituições escolares guardam símbolos, ritos e valores que personificam-se no sujeito a elas condicionado.

Quando Maria Ruth de Sousa foi estudar no Grupo Escolar Dom vital – posteriormente Simeão Leal – essa instituição ainda possuía notoriedade na cidade de Misericórdia. Após esses primeiros estudos, foi estudar o curso normal, que pela legislação vigente no ano de 1946, era ministrado em dois ciclos, o primeiro era de quatro anos, e correspondia ao ensino ginásial e o segundo era de três anos, e correspondia ao ensino colegial. A Escola Normal Padre Diniz era uma instituição que oferecia o primeiro ciclo do magistério, e nela, Maria Ruth diploma-se professora em 1949. No período em que ela concluiu a formação pedagógica e assumiu sua primeira turma na escola Simeão Leal, os movimentos por reformas de base já estavam em fermentação, principalmente no interior paraibano. Em 1960, ela deixa Itaporanga e vem para João Pessoa para lecionar no Grupo Escolar Santo Antônio.

No início da década de 1960, desenvolviam-se debates em todo o país em torno da defesa da Escola Pública, instituindo-se campanhas, conferências e congressos sobre



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

a temática, em meio aos movimentos de Educação Popular. Também, durante o seu exercício professoral no Grupo Escolar Santo Antônio, ocorreu o golpe de 1964, e a partir de então, desencadearam-se várias medidas repressoras, através das políticas de educação, como a Reforma do 1º e 2º graus, a Reforma Universitário de 1968, o e as reformas do curso de formação de professores.

Após o movimento Civil-Militar de 1964, os rumos políticos e econômicos foram reorganizados na ótica do controle do capital internacional, aumentando as contradições existentes. Nesse novo contexto, a educação passou pelas mudanças mencionadas. A partir do novo regime de governo, a educação passou a ser considerada como fator de desenvolvimento, fundamentada pelo pressuposto de corresponder ao ritmo de desenvolvimento econômico evidenciado na necessidade de mão de obra especializada. Assim, a educação tinha um papel crucial, que era fornecer mão de obra qualificada para as indústrias brasileiras. Nessa perspectiva, o Brasil assina um acordo com a agência Americana intitulada United States Agency for International Development (USAID), com o propósito de instituir uma nova orientação para a educação brasileira, sendo a partir da assinatura desse acordo que entram em vigor os convênios entre MEC-USAID.

Em consonância com os acordos estabelecidos entre MEC-USAID, Maria Ruth de Sousa, torna-se em 1967, supervisora de ensino do município de Itaporanga, recém formada no Curso de Formação de Professores-Supervisores¹⁰ pelo Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais, que capacitava professores para o exercício da função de Supervisão Escolar, já que a perspectiva nesse momento era industrial-capitalista, fazendo-se assim necessário formar técnicos em educação, que Saviani (2009) coloca como especialistas.

Ao curso de pedagogia, além da formação de professores para habilitação específica de magistério (HEM), conferiu-se a atribuição de formar os especialistas em Educação, aí compreendidos os diretores de

¹⁰ Curso realizado entre 1965 a 1966 no Rio de Janeiro.



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

escola, orientadores educacionais, supervisores escolares e inspetores de ensino (SAVIANI, 2009, p. 147).

De acordo com o autor, os cursos de Pedagogia passam a ter habilitações para formar os técnicos da educação. A partir da Reforma Universitária de 1968, o curso de Pedagogia é fragmentado, passando a ter dois ciclos, 1º com os conteúdos básicos da área e o 2º com os conteúdos específicos da habilitação escolhida, ou seja, o curso de Pedagogia possuía quatro habilitações: Supervisão Escolar, Orientação Educacional, Administração Escolar e Inspeção Escolar. Todas essas modificações que ocorreram no curso de formação de professores estavam alicerçadas na tendência pedagógica tecnicista, que dava ênfase ao “como fazer”, não sendo necessário haver uma reflexão sobre as etapas do processo, em específico, o pedagógico.

No ano de 1969, Maria Ruth decidiu percorrer novos caminhos, foi para Brasília, onde é aprovada no concurso para ser professora de crianças especiais, voltando à Paraíba em 1974. Em João Pessoa, presta concurso para professora, para a disciplina de artes, sendo aprovada, passando a participar do quadro de professores do complexo Educacional Sesquicentenário, tendo em vista, que a organização do ensino de 1º e 2º grau sofreu mudanças em sua estrutura. Nesse sentido, também ocorreram modificações na formação de professores, e à luz da legislação educacional, a formação mínima para exercer o magistério, segundo o artigo 30, da Lei 5.692/71, era a seguinte:

Art. 30. Exigir-se-á como formação mínima para o exercício do magistério:

- a) no ensino de 1º grau, da 1ª à 4ª séries, habilitação específica de 2º grau;
- b) no ensino de 1º grau, da 1ª à 8ª séries, habilitação específica de grau superior, ao nível de graduação, representada por licenciatura de 1º grau obtida em curso de curta duração;
- c) em todo o ensino de 1º e 2º graus, habilitação específica obtida em curso superior de graduação correspondente a licenciatura plena. (BRASIL, 2016).



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

De acordo com a lei de 1971, que reformou a LDB 4.024/1961, o professor para exercer a profissão precisava ter formação mínima, no caso do ensino primário, deveria possuir a formação de nível médio (Magistério) para lecionar de 1ª à 4ª série, mas, também poderia lecionar na 5ª e 6ª série, mediante estudos adicionais de um ano, quando a formação de nível médio deu-se em três anos. Dessa forma, para atender às novas demandas da legislação, a Professora Maria Ruth submeteu-se ao vestibular para Educação Artística, licenciatura, na UFPB, pois nesse momento, ela estava exercendo a docência dessa disciplina, valendo ressaltar, que nesse período, tal disciplina tornara-se obrigatória nos currículos do 1º e 2º graus, obrigatoriedade estabelecida pela lei de nº 5.692, de 11 de agosto de 1971.

Após sua passagem pelo Complexo Educacional Sesquicentenário, Maria Ruth assume a docência na Escola Municipal General Rodrigo Otávio, onde exerceu a função de professora de Educação Artística, tendo sua prática muito valorizada pelos colegas de profissão. Na instituição, ganhou reconhecimento por ser uma professora criativa, trabalhando em sala de forma dinâmica, em grupo, utilizando materiais recicláveis, teatro, dança, músicas, poesias, pinturas e esculturas, destacando-se nas habilidades com este universo. É como menciona Dantas (apud CARVALHO; MAMÉDIO, 2015, p. 17):

[...] ela ia além do que era para ela está fazendo em sala de aula, e por ser artes, que envolve muito, então ela envolvia tudo, música, dança, teatro, escultura, tudo ela fazia pela parte artística dos alunos dela [...] Pois ela sabia bordar, cozinhar e sabia costurar, ela sabia pintar, ela adorava plantar, em casa quando ela era viva a gente tinha cada pé de planta lindo, tinha um pomar e ainda tinha uma horta, ela era uma mulher muito ativa [...]. Tudo que ela fazia era com amor, eu acho que ela escolheu depois, que ela se viu, se encontrou nas artes, porque tem tudo haver, em tudo, ela comprava as telas, as tintas e pintava um quadro, sabia bordar, tricotar, impressionante eu não aprendi nada.

Depois de toda essa trajetória educacional, percebeu-se que Maria Ruth de Sousa trabalhou até os últimos dias de sua vida. Depois que ela se aposentou da rede estadual de ensino e da rede municipal, permaneceu trabalhando como auxiliar da coordenação pedagógica da Escola Municipal General Rodrigo Otávio, sendo nessa escola que



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

concluiu sua trajetória docente, em 18 de setembro de 1994, quando sofreu um Acidente Vascular Cerebral – AVC - hemorrágico. Foi internada no hospital Santa Isabel, onde veio a óbito no mesmo ano, após 45 dias de internamento.

Como referido durante esse trabalho, Maria Ruth de Sousa foi uma referência para a história da docência e da educação no Estado da Paraíba. Face à sua história de vida, podemos concluir que a profissão professor em seu percurso histórico foi caracterizada pela desvalorização do trabalho docente, percebendo-se, a partir desse estudo, que a docência passou por mudanças e transformações, bem como a pessoa do professor, que em muitas situações ignorava as problemáticas que acompanhavam a sua prática pedagógica, em virtude de sua paixão pela docência. Temos, então, na trajetória docente de Maria Ruth de Sousa um exemplo de que é possível superar as dificuldades e fazer acontecer melhorias através da educação. Por outro lado, apesar da melhoria da qualidade das condições de ensino promovida nas instituições onde trabalhava, a partir da superação das dificuldades encontradas, essas mudanças não chegavam para as demais escolas. Porém, é inegável seu esforço como educadora para fomentar tais mudanças em seu espaço de trabalho, sabendo-se que mesmo atuando em outras funções da profissão docente no setor público, ela contribuiu para a qualidade do ensino dentro da sua realidade e contexto escolar.

Considerações Finais

O trabalho buscou compreender a profissão docente e seus pontos de articulação entre o passado e o presente, partindo da análise da trajetória da professora Maria Ruth de Sousa, dessa forma articulando a vida pessoal com a vida profissional, fazendo conexões com o contexto histórico em que viveu. Durante o desenvolvimento do estudo, percebemos que a configuração do ser professor não ocorre de forma isolada do contexto ou de forma individual com ele mesmo, pois são as leituras de mundo, as vivências e as interpretações que fazemos da realidade que nos permitem construir a



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

trajetória profissional. A professora Maria Ruth construiu sua trajetória profissional a partir das leituras do tempo histórico em que atuou como professora, entretanto, mesmo nos anos de repressão, sua prática era desenvolvida de forma criativa com os alunos e dinâmica no exercício da profissão. Segundo Chaves (2008), o imaginário não se resume a um conjunto de imagens que guardamos na memória, mas, as imagens simbólicas são tecidas e unidas nas relações entre elas, dessa maneira o imaginário constrói suas histórias e organiza as experiências vivenciadas pelos seres humanos.

O contexto histórico e social em que viveu Maria Ruth configurou sua história, delineando sua trajetória no exercício professoral. Pela história de vida da professora, compreendemos que no momento histórico em que se desenvolveu sua formação e atuação docente, as relações eram motivadas por interesses políticos e os cargos públicos, em específico o cargo de professor, era conseguido pelas oligarquias, tendo em vista a troca de favores. A formação não era pré-requisito para o exercício professoral, porém, Maria Ruth foi oposta a esse enredo, sempre aperfeiçoou sua prática para as funções que exerceu dentro do serviço público, fazendo vários cursos para qualificar seu trabalho, pesquisando e aplicando os conhecimentos adquiridos nos espaços educacionais onde atuou. Todos estes fatos marcaram a trajetória da professora, tornando-se características de sua identidade docente.

Ressaltamos a contribuição da pesquisa bibliográfica e biográfica para a compreensão do fenômeno educativo em diversos contextos e momentos históricos, o que permite tecer reflexões acerca de fenômenos educativos, e no caso especial dessa pesquisa, do exercício e da imagem da docência.

Referências

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases para o ensino de 1º e 2º graus. **Decreto de Nº 5.692, de 11 de Agosto de 1971**. Brasília: Congresso Nacional, 1971. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/Leis/L5692.html. Acesso em 06 de junho de 2016.



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães. **Professora Maria Ruth de Sousa: uma trajetória docente em tempos de ditadura (1970-1985)**. UFPB: João Pessoa, 2015.

CARVALHO, M.E.G.; CARVALHO, B.K.G.; LEAL, N.S.B. Movimento Brasileiro de Alfabetização – MOBRAL – na Paraíba: configurações do direito humano à memória nas narrativas sobre uma campanha de alfabetização para adultos (1967-1985). In: ANDRADE, Fernando C. B. de; RECHEMBACH, Fabiana (Orgs.). **Contribuições à Educação em Direitos Humanos na contemporaneidade**. Curitiba: CRV, 2016. P. 95-115.

CARVALHO, Maria Elizete Guimarães; MAMEDIO, Rita de Cássia C. **Relatório final do projeto PIBIC 2014/2015 história de vida professoral da educadora Maria Ruth de Sousa (1970-1985)**/Prática docente de Maria Ruth de Sousa. UFPB, João Pessoa, 2015.

CHAVES, Iduina Mont'sAlverne Braun. Imaginário e Mediação Biográfica na Formação Docente. Figuras Antropológicas e Simbolismos. In: BARBOSA, Tatyana Mabel Nobre; PASSEGGI, Maria da Conceição. **Coleção pesquisa autobiográfica: narrativas de formação e saberes biográficos**. V.6. Natal: Cortez, 2008. p. 231 – 248.

COSTA, K.L.S et al. A leitura e a escrita no espaço escolar norte-rio-grandense (1910-1940). In: MEDEIROS NETA, O.M., STAMATTO, M.I.S. **Práticas educativas, formação e memória (Org.)**, Campinas, SP: mercado de letras, 2015.

DELORY-MOMBERGER, C. **Biografia e educação: figuras do individuo-projeto**. Tradução de Maria da Conceição Passegi, João Gomes da Silva Neto, Luís Passegi. Natal, RN; São Paulo: Paulus, 2008.

ESQUISANI, Rosimar Serena; WERLE, Flávia Obino Corrêa. Ser professora: um estilo de vida pontuado pela formação. **HISTEDBR On-line**, campinas, nº 38, p. 104 – 115, Jun. 2010.

GHIRALDELLI, Paulo. A Segunda República. In: _____. **História da educação**. 2. Ed. rev. São Paulo: Cortez, 1994. p. 39 – 77.

HOLLY, Mary Louise. Os professores e os contextos conceituais de ensino. In: NÓVOA, António. **Vidas de professores**. 2. Ed. Lisboa: Porto, 1995. p. 82 – 86.

NÓVOA, António. Os professores: um “novo” objeto da investigação educacional?. In: _____. **Vidas de professores**. 2. Ed. Lisboa: Porto, 1995. p. 14 – 17.

SAVIANI, Dermeval. Formação de professores: aspectos históricos e teóricos do problema no contexto brasileiro. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, v.14, n.40, 143-155, jan/abr. 2009.



Maria Elizete Guimarães Carvalho, Luziel Augusto Silva e Rossana Farias Q. Ferrer
Universidade Federal da Paraíba

_____. O legado educacional do “longo século XX” brasileiro. In: SAVIANI, Dermeval (et. al.). **O legado educacional do século XX no Brasil**. Campinas, SP: Autores Associados, 2004.

_____. O legado educacional do regime militar. **Cad. Cedes**, campinas, vol. 28. N. 76, p. 291 – 312, set./dez. 2008.

Recebido em junho de 2017
Aprovada em julho 2017